

CONCLUSÃO

“Objectivity is just another imagined story”
Marc Atkins, Underlie_04

Não sei exatamente se é possível escrever uma conclusão. Não estou certa de que as reflexões aqui engendradas permitam isso, por suas especificidades. Como sabemos, espectros não se prestam a desfechos.

Estou consciente das contradições que o trabalho enfrentou – e criou. Consciente a ponto de começar concluindo com uma citação que, depois de tudo o que foi dito, postula pela não-objetividade. Mas, também depois de tudo o que foi dito, espero que a não-objetividade, aqui, já não seja igual à subjetividade. E assim seguimos.

É necessário relembrar: o espectro já não pressupõe interioridade e exterioridade como questões. Por isso, qualquer semelhança que possa ter se insinuado a algum aspecto formalista é mera coincidência. Se não falo de mim, falo ao menos de um certo lugar. Portanto, ao situar meu lugar de fala, já estamos acordados que postular pelo retorno ao formalismo é um falso problema. Mais uma vez: expandir os modos de pensamento, ainda que nos pareça difícil, impossível ou utópico, é a alternativa – e também o impasse. O corpo que pulsa já estava farto de arborescências no fim do século passado...

Não que creia ter expandido modo nenhum, de pensamento nenhum. Essa dissertação foi um exercício, uma provocação, ainda que apenas para mim mesma. Meu próprio corpo está farto, buscando novos circuitos no mapa, outros trajetos a seguir. Não há fechamento, não há nada a dizer, e sigo dizendo, mesmo em silêncio.

Se não chego a nenhuma conclusão brilhante, é também porque, de diversas formas, a investigação continua. Provavelmente a próxima tarefa será traçar fronteiras mais nítidas entre o espectro e os conceitos que lhe deram chão, o devir-imperceptível e o infraleve. Ou talvez a próxima tarefa seja justamente fazê-lo fagocitar esses conceitos, e quem sabe outros tantos.

Muitos descompassos e fendas se abrem, com novos caminhos a explorar, outras possibilidades de investigação artístico-teórica que habitem/atuem por/sobre o apagamento como modo de vida. Incorporando os deslocamentos do próprio fazer da escrita/arte, os questionamentos realizados precisam prosseguir.

Assim sendo, esta conclusão é apenas operacional, uma reterritorialização necessária ao espectro. Ele, agora, se interrompe, em suspensão, para seguir abrindo outras linhas de fuga e se desterritorializando em outros lugares.